



Mercedes Baptista na educação infantil: relato de experiência de implementação da Lei n. 10.639/03 na Educação Infantil

Mercedes Baptista in children education: report of experience of implementation of Law no. 10,639/03 in early childhood education

Ananda da Luz Ferreira
Programa de Pós-Graduação em Ensino e
Relações Étnico-Raciais da Universidade

Federal do Sul da Bahia (PPGER/UFSB)
anandaluzananda@gmail.com

Jaqueline da Luz Ferreira
Instituto Escolhas (IE)
jaquelineluzferreira@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v4i7.4318>

RESUMO:

No relato de experiência será apresentada uma reflexão sobre prática pedagógica realizada em uma instituição de Educação Infantil da zona norte do município do Rio de Janeiro. A ação pedagógica se inspirou na biografia da bailarina Mercedes Baptista que dialogou de forma interdisciplinar e lúdica com a cultura e história afro-brasileira, buscando promover uma educação antirracista na primeira infância colocando em prática Lei n. 10.639/03.

Palavras-chave: Educação Infantil, Lei n. 10.639/03, Mercedes Baptista.

Abstract:

In the story of experience will be presented a reflection on the pedagogical practices made in an institution of Child Education in the north zone in the city of Rio de Janeiro. The pedagogical action was inspired in the biography of the Brazilian classical dancer Mercedes Baptista who dialogued in an interdisciplinar and ludic way with Afro-Brazilian culture and history, promoting antiracist education in the early childhood, putting into practice the Law 10,639/03.

Keywords: Law 10,639/03, Mercedes Baptista, Child Education

Introdução

Quem é Mercedes Baptista? Uma pergunta que muitos não saberão responder, a não ser que você seja pesquisador das relações étnico-raciais ou um apaixonado por dança afro-brasileira. Essa primeira pergunta pode ser acompanhada de outra: quantas bailarinas clássicas negras nós conhecemos? Teremos que pensar um pouco. A não resposta imediata das duas perguntas exige uma reflexão sobre as representatividades negras na nossa sociedade, o que, indubitavelmente, reflete no cotidiano das escolas. Mercedes Baptista bailarina e coreógrafa, percursora da dança afro-brasileira, foi a primeira bailarina negra do Teatro Municipal da cidade do Rio de Janeiro ingressando em 1948¹ Mercedes Baptista traz um pouco da história de resistência e luta antirracista em nosso país:

“Mercedes Baptista seguiu firme nessa direção, sempre atenta à dignidade humana de seus alunos e artistas. Manteve uma postura de respeito e valorização da mulher negra, trabalhou muito para o reconhecimento e afirmação do artista negro na dança, sendo considerada a maior autoridade em dança afro-brasileira. O objetivo de Mercedes foi compreender e demonstrar como as raízes sociais e culturais da dança negra estão a serviço da coreografia e, sobretudo, a serviço da luta pela igualdade racial.”²

Quando pensamos nas escolas como um espaço que deve promover o diálogo com a diversidade, na Educação Infantil essa necessidade se potencializa, pois é a primeira etapa da Educação Básica que acolhe crianças de seis meses aos cinco anos e onze meses de vida. De acordo com diversas pesquisas na área, é nessa fase que a criança constitui sua identidade e estrutura-se para os desenvolvimentos de suas competências e das habilidades que serão desenvolvidas a longo da vida, sendo atribuída grande importância a essa etapa da educação³. Na Educação Infantil a criança vai constituindo seu ser e estar no mundo dialogando com sua história, produzindo uma ideia de pertencimento ao grupo: “Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio de representações que constroem sobre a realidade”⁴, que norteará o seu ser e estar na sociedade.

¹ **SILVA JUNIOR**, Paulo Melgaço da. **Mercedes Baptista: a criação da identidade negra na dança**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007.

² **SANTOS**, Emilena Sousa dos. **Intérpretes da dança de expressão negra: contextos da arte de estar em cena**. Revista de C. Humanas, Viçosa, v. 14, n.1, p. 58-73, jan./jun. 2014. Acessado em agosto de 2018 In: <http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/vol14/artigo5vol14-1.pdf> .

³ **ANTUNES**, Celso. **Educação Infantil: prioridade imprescindível**. 8ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p.3

⁴ **PESAVENTO**, Sandra Jatahy Pesavento. **História & História Cultural**. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 39.

Certificando-se do quão importante é a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, cabe-nos compreender que a identidade de um sujeito se dá na relação dialética entre o próprio e os grupos sociais que percorre ao longo de sua história. Lucena e Lima suscitam que a identidade cria bases nas relações estabelecidas entre grupos: “Para que um grupo ou uma sociedade configure um determinado processo de autoafirmação faz-se necessário que exista um outro grupo ou sociedade”⁵. A identidade é constituída através da relação entre dois indivíduos ou mais portanto, inverter a forma de como os espaços educativos apresentam as histórias dos africanos e afrodescendentes é oportunizar outra identidade para os que terão acesso a essas histórias e culturas, desconstituídas de qualquer forma de preconceito étnico. Desta forma, práticas que dialogam com a diversidade se tornam de grande importância na Educação Infantil por ser o primeiro espaço em que a criança pequena dialoga com a esfera pública, onde a mesma se encontrará com diferentes culturas, subjetividades, formas de ver o mundo e agir sobre ele. Isto torna a Educação Infantil uma estrutura privilegiada por promover a possibilidade de “que todos possam ser afetados de maneira que criem novas redes de solidariedade e pensamento”⁶.

A escola tem potencial de fazer contribuições importantes desde que esteja atenta à relação entre seu espaço e a contribuição da formação identitárias dos diversos indivíduos que por elas passam, como define a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB), que determina a escola como um espaço onde deve haver “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e saber”⁷. Reconhecendo a escola como um espaço dialógico das diversidades de saberes que estão intrínsecos nas culturas brasileiras, provoca-nos a reflexão da necessidade de expandir para os currículos escolares o debate sobre a diversidade étnico-racial presente na história do Brasil, como nos é colocado nesse artigo 3º, parágrafo XII da LDB. Levar a diversidade étnico-racial para as escolas é garantir, a todos os indivíduos, acesso à sua história despertando olhares sensíveis para sua ancestralidade, para isso temos que conhecer todos os aspectos que circundam nossas histórias.⁸

⁵ **LUCENA**, Francisco Carlos e **LIMA**, Jorge dos Santos. Ser Negro: Um Estudo de Caso Sobre “Identidade Negra”. **Saberes**, Natal – RN, vol.01, nº2, mai2009, p.33-51.

⁶ **ABRAMOWICZ**, Anete. Prólogo. In: **ABRAMOWICZ**, Anete e **VANDENBROECK**, Michel (orgs). Educação Infantil e Diferença. Campinas, SP: Papirus, 2013. p. 12.

⁷ **BRASIL**. **LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/** Lei n. 9394, de 20/12/1996. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

⁸ **OLIVA**, Anderson Ribeiro. A história africana nos cursos de formação de professores. Panorama, perspectivas e experiências. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, UCAM, nº 1-2-3, ano 28, jan- dez2006.

A Lei 10.639/2003⁹, que foi alterada pela Lei 11.645/2008¹⁰, torna obrigatório, em todos os níveis de educação o ensino de história e cultura africana, afrodescendente e indígena. A lei é resultante de muita luta e articulação política dos movimentos sociais, em específico do movimento negro para suprir uma lacuna histórica, ainda porque, a escola, como já vimos ao nos remeter a LDB, deve ser um espaço de promoção de educação inclusiva e igualitária, ou seja, garantir o acesso a todos de forma acolhedora. A Lei 10.639/03 vem no intuito de reafirmar essa premissa e garantir os direitos de se conhecer negados às crianças negras na escola, garantindo que se tenha uma construção da subjetividade e autoestima positivada, como nos provoca a pensar Cavalleiro¹¹ e Petit e Silva¹². A Educação Infantil, como um momento inicial de socializações de saberes, que contribuirá para a formação identitárias das crianças, torna-se uma etapa fundamental para trabalharmos a história afro-brasileira. Para que desde esse momento inicial a criança negra possa se sentir representada de forma positivada, bem como sensibilizar as crianças brancas de que seus atributos culturais e físicos não são únicos e superiores.¹³

Nesse sentido, podemos lançar um olhar reflexivo às estruturas das escolas de educação infantil, com bonecas brancas, murais com imagens de pessoas brancas e bibliotecas em que, majoritariamente, as literaturas trazem ilustrações de personagens brancos. Como uma criança se reconhecerá se o seu próprio espaço não o faz? Quantas bonecas, princesas e heróis são negros? A Lei n. 10.639/03 surge com o intuito de romper com a esse modelo de escola que estigmatiza o aluno e proporcionar às crianças a possibilidade de outras formas de identificar-se dentro da sociedade, dando-lhes a voz e a percepção de suas culturas de forma positiva indo de encontro com as restrições sociais que o entorno insiste em reafirmar, como nos coloca Canen “As restrições sociais e de representações de que somos alvo dão um contorno de identidade ao grupo social”¹⁴. As ações

⁹ **BRASIL. Lei nº. 10.639** de 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Africana e Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

¹⁰ **BRASIL. Lei nº. 11.645** de 10 de março de 2008. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2008.

¹¹ **CAVALLEIRO, Eliane. Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil.** 6ed. São Paulo: Contexto, 2005.

¹² **SILVIA, Geranilde Costa e PETIT, Sandra Haydée. Literatura Africana e Afrodescendente Junto a Crianças de Escolas Públicas: uma experiência de pesquisa. In: BARRETO, Maria Aparecida Santos Correa (org) Africanidade(s) e Afrodescendência(s): perspectivas para a formação de professores.** Vitória, ES: EDUFES, 2012.

¹³ **CEERT. Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial [coordenação geral Hédio Silva Jr., Maria Aparecida Silva Bento, Sílvia Pereira de Carvalho].** São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades: Instituto Avisa Lá - Formação Continuada de Educadores, 2012.

¹⁴ **CANEN, Ana. A educação brasileira e o currículo a partir de um olhar multicultural: algumas tendências e perspectivas. BARROS, José Flávio Pessoa de e OLIVEIRA, Luiz Fernandes de (orgs). In: Todas as Cores na Educação: contribuições para uma reeducação das relações étnico-raciais no ensino básico.** Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

que são desenvolvidas nos espaços educativos são primordiais para uma grande transformação social e para a extinção do racismo.

A Ação

O relato de experiência foi desenvolvido no município do Rio de Janeiro no Espaço de Desenvolvimento Infantil Lúcia Quitete, localizado na favela Borda do Mato, bairro Andaraí. O projeto foi desenvolvido no ano de 2015, em uma turma de maternal de 17 crianças com idades de três a quatro anos. O trabalho teve como principal objetivo promover o acesso à cultura e à história afro-brasileira aos educandos, levando-os a conhecerem personalidades femininas negras, visto que o tema do projeto do ano na instituição era Mulheres Cariocas. Outro aspecto observado no coletivo de estudantes era a desvalorização da estética negra, o alisamento de cabelos de crianças tão pequenas, bem como a identificação com personagens e personalidades não negras, mesmo o espaço escolar se constituir majoritariamente de crianças afrodescendentes.

As atividades desenvolvidas foram exploradas de forma interdisciplinar, articulando diferentes saberes durante o ensinar e aprender, sem que estejam ensinados de forma fragmentada. Ou seja, ao mesmo tempo em que se ensinavam conceitos matemáticos trabalhava psicomotricidade dialogando com a musicalidade, artes e a promoção da leitura. Assim, as crianças aprendem de forma investigativa e conectadas os conceitos e teorias, bem como as emoções, as sensações e a corporeidade.¹⁵

Partindo da história da Mercedes Baptista que não era carioca da gema, mas nasceu em Campos dos Goytacazes no estado do Rio de Janeiro e construiu história na capital, tendo feito parte da história do Teatro Municipal. Mercedes mesmo que não reconhecida por muito tempo e tendo sofrido inúmeras discriminação no espaço da dança clássica, como ter o corpo pintado de dourado ou prateado toda vez que entrava no palco, tornou-se a principal referência da dança no Rio de Janeiro. A partir de suas pesquisas na dança afro-brasileira é hoje reconhecida como precursora do gênero, além sua importante participação na história dos desfiles de escola de samba do Rio de Janeiro: “Mercedes foi a primeira coreógrafa a levar bailarinos negros para desfilar na ala dos

¹⁵ THIESEN, Juarez da Silva. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p. 545-554, dez. 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000300010&lng=pt&nrm=iso. acessos em 10 out. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782008000300010>.

Acadêmicos do Salgueiro, cujo temo foi Quilombo dos Palmares”¹⁶.

Diante de toda sua trajetória, tornou-se personalidade importante a ser apresentada para as crianças. Depois de muito pesquisar e não encontrar um livro infantil sobre Mercedes Baptista a sua história foi contada para as crianças através de imagens retiradas da internet, assim construímos em conjunto uma breve biografia com os aspectos que a turma julgou mais importante da vida da artista em forma de cartaz.



EDI Lúcia Quitete – Acervo da Autora

Após, as crianças conhecerem um pouco da história de Mercedes Baptista dialogamos com a matemática para fazermos nossas bailarinas Mercedes. Cada criança ganhou uma bailarina e pintou-a, em seguida oferecemos vestidos para que cada criança encontrasse o que encaixasse exatamente em sua bailarina. Cada bailarina tinha um vestido em formato diferente exigindo que as crianças percebessem qual era o vestido do tamanho e formato exato para sua bailarina. Apesar da dificuldade foi divertido com um ajudando o outro. Em seguida as bailarinas viraram brinquedos e logo após um mural no qual pudemos explorar os numerais, conhecendo-os e quantificando-os até

¹⁶ SANTOS, Emilena Sousa dos. **Intérpretes da dança de expressão negra**: contextos da arte de estar em cena. Revista de C. Humanas, Viçosa, v. 14, n.1, p. 58-73, jan./jun. 2014. Acessado em agosto de 2018 In: <http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/vol14/artigo5vol14-1.pdf> .

quatro, tendo assim, os conceitos matemáticos “trabalhados de forma intencional a partir das experiências e vivências do dia-a-dia das crianças e de suas brincadeiras”¹⁷.



EDI Lúcia Quitete – Acervo da Autora



EDI Lúcia Quitete – Acervo da Autora

Para aproximar as crianças mais ainda da história da Mercedes Baptista assistimos um vídeo que falava sobre sua vida no qual puderam compreender melhor como se tornou a primeira bailarina negra do Teatro Municipal e uma pesquisadora da dança afro-brasileira, o que aguçou a curiosidade investigativa das crianças levando todo o coletivo a assistir diferentes vídeos apresentações sobre dança afro, fazendo com que as crianças observassem detalhes como os movimentos dos braços e pernas. Inspiradas no movimento de Mercedes Baptista conheceram outra bailarina Josephine Baker

¹⁷ **SME-RJ. Orientações curriculares para educação infantil.** Gerência de Educação Infantil, Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro: 2010.

através de um livro de literatura infantil - Josephine na era do Jazz¹⁸ – ancorando- nos na importância de trazer literaturas afro-brasileira vai de encontro com o caminho que nossa sociedade fez de eliminar qualquer forma de intelectualidade de base africana “realiza-se este apagamento das identidades afrodescendentes”¹⁹.



EDI Lúcia Quitete – Acervo da Autora

Em seguida as crianças foram convidadas para dançarem e dançarem: livremente, com os pés, com as mãos e na medida em que iam dançando arte ia brotando, a arte de dançar aliada às artes plásticas, inspirando-se na dança afro. Nas atividades de dançar com pés trabalhamos textura, matemática, equilíbrio e psicomotricidade ampla e fina. Cada criança recebeu um revestimento nos pés de plástico bolha como se fosse um sapato e escolhiam uma cor, identificavam-na e depois seus pés revestidos com plástico bolha eram pintados e ao som de música afro dançavam. Outra atividade só que usando os membros superiores as crianças foram convidadas a pintarem com as mãos, cada criança escolheu uma cor de giz de cera para desenhar dançando ao ritmo de música afro-brasileira também. Nessa atividade trabalhamos o corpo, mas trouxemos matemática e linguagem oral escrita, pois o traçado de cada criança foi identificado pela cor em uma legenda em que foi trabalhada a escrita do nome de cada uma. As crianças conheceram músicas instrumentais como Abayomy Afrobeat Orquestra, além de Angélique Kidjo e Miriam Makeba.

¹⁸ WINTER, Jonah. **Josephine na Era do Jazz**. São Paulo: Martins Fontes, 2013

¹⁹ CANEN, Ana. A educação brasileira e o currículo a partir de um olhar multicultural: algumas tendências e perspectivas. BARROS, José Flávio Pessoa de e OLIVEIRA, Luiz Fernandes de (orgs). *In: Todas as Cores na Educação: contribuições para uma reeducação das relações étnico-raciais no ensino básico*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008



EDI Lúcia Quitete – Acervo da Autora



EDI Lúcia Quitete – Acervo da Autora



EDI Lúcia Quitete – Acervo da Autora

Findamos o projeto Mercedes Baptista construindo o teatro municipal que foi seu palco por um bom tempo e brincamos. Nessa última atividade exploramos a psicomotricidade com dobraduras e usando diferentes técnicas de pintura e colagem para a construção do painel, na qual também aguçamos a sensibilidade artística observando fotos e pinturas do teatro Municipal e misturando cores para chegar mais próximo o possível da cor do teatro.



EDI Lúcia Quitete – Acervo da Autora

Conclusão

O trabalho descrito foi um entre os diversos que, desde que me tornei docente da Educação Infantil, tenho desenvolvido. Todos os projetos realizados tem o intuito de desconstruir o racismo no ambiente escolar e que assim possa ter impacto também em nossa sociedade. Trazer a Mercedes Baptista como personalidade que se destacou na história da dança brasileira e teve projeção internacional foi uma forma de apresentar para as crianças representatividade negra, mesmo que sua biografia por muito tempo tenha sido ocultada. Outro aspecto que a ação pedagógica fomentou foi mostrar para todas as crianças que os espaços de protagonismo podem e devem ser ocupados por qualquer pessoa, indiferente de sua etnia e cor da pele, além de contribuir para desconstruir a condição de que não há mulheres negras na dança clássica ou em qualquer outro espaço de destaque. Com isso as crianças negras percebem que, ao se certificarem que há personalidades negras e belezas nas culturas afro-brasileiras, é possível estar em qualquer espaço que sonhar. As ações são aliadas a responsabilidade que nós, educadores e educadoras, temos de educar para a

diversidade, assim sendo, ampliar o leque de representatividades afrodescendente é promover autoestima da criança negra e sensibilizar as crianças brancas para as diferenças e que todos podem e devem a ser valorados na sociedade²⁰. Assim, as atividades contribuíram e contribuem para que as crianças negras se libertem do caminho de opressão que a escola, que nada mais é reflexo da sociedade, vem lhes proporcionando. Freire²¹ coloca que a violência dos opressores desumaniza e os põem na vocação de ser menos, posicionando que o caminho de libertação do indivíduo vai partir do próprio e o que cabe aos educadores comprometidos com um processo educativo para transformação social é colaborar para que esse sujeito crie perspectivas para sair da condição de oprimido. Trazer para a prática cotidiana a aplicação da Lei n. 10.639/03 é uma forma de ir ao encontro a essa pedagogia da opressão, é contribuir para que o indivíduo passe a ter contato com sua ancestralidade, onde as crianças vejam a boniteza e alegria de se encontrarem em todos os espaços e que os professores compreendam que a essência de suas práxis está na beleza de compreender que o saber está presente em todos e tudo que circundam o espaço educativo.

Referências:

ABRAMOWICZ, Anete. Prólogo. In: ABRAMOWICZ, Anete e VANDENBROECK, Michel (orgs). **Educação Infantil e Diferença**. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

ANTUNES, Celso. **Educação Infantil: prioridade imprescindível**. 8ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **Projeto e práticas pedagógicas na Educação Infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRASIL. Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

_____. Lei nº. 11.645 de 10 de março de 2008. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2008.

_____. **LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/ Lei n. 9394, de 20/12/1996**. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

CANEN, Ana. A educação brasileira e o currículo a partir de um olhar multicultural: algumas tendências e perspectivas. **BARROS**, José Flávio Pessoa de e **OLIVEIRA**, Luiz Fernandes de (orgs). In: **Todas as Cores na Educação: contribuições para uma reeducação das relações étnico-raciais no ensino básico**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil**. 6ed. São Paulo: Contexto, 2017.

²⁰ **CEERT**. Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial [coordenação geral Hédio Silva Jr., Maria Aparecida Silva Bento, Sílvia Pereira de Carvalho]. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades: Instituto Avisa Lá - Formação Continuada de Educadores, 2012.

²¹ **FREIRE**, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 11ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação Anti-Racista**: compromisso indispensável para um mundo melhor. *In*: CAVALLEIRO, Eliane (org). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa educação. 6ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CEERT. Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial [coordenação geral Hédio Silva Jr., Maria Aparecida Silva Bento, Sílvia Pereira de Carvalho]. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades: Instituto Avisa Lá - Formação Continuada de Educadores, 2012.

CRIOLO. Diferenças, Tabu Brasil. *In*: <http://terradegigantes65.blogspot.com.br/2012/11/diferencas-criolo-faz-musica-para.html>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 11ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LUCENA, Francisco Carlos e **LIMA**, Jorge dos Santos. Ser Negro: Um Estudo de Caso Sobre “Identidade Negra”. **Saberes**, Natal – RN, vol.01, nº2, mai2009, p.33-51.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A história africana nos cursos de formação de professores. Panorama, perspectivas e experiências. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, UCAM, nº 1-2-3, ano 28, jan-dez 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy Pesavento. **História & História Cultural**. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MEC/SECAD. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC/SECAD, 2004.

_____. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana**. Brasília: MEC/SECAD, 2013.

_____. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

SANTOS, Emilena Sousa dos. **Intérpretes da dança de expressão negra**: contextos da arte de estar em cena. Revista de C. Humanas, Viçosa, v. 14, n.1, p. 58-73, jan./jun. 2014. Acessado em agosto de 2018 *In*: <http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/vol14/artigo5vol14-1.pdf>.

SILVIA, Geranilde Costa e **PETIT**, Sandra Haydée. Literatiura Africana e Afrodescendente Junto a Crianças de Escolas Públicas: uma experiência de pesquisa. *In*: **BARRETO**, Maria Aparecida Santos Correa (org) **Africanidade(s) e Afrodescendência(s)**: perspectivas para a formação de professores. Vitória, ES: EDUFES, 2012.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. **Mercedes Baptista**: a criação da identidade negra na dança. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007.

THIESEN, Juarez da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p. 545- 554, dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000300010&lng=pt&nrm=iso. acessos em 10 out. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782008000300010>.

SME-RJ. Orientações curriculares para educação infantil. Gerência de Educação Infantil, Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro: 2010.

WINTER, Jonah. *Josephine na Era do Jazz*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

Ananda da Luz Ferreira: Mestranda em Ensino e Relações Étnico-Raciais na Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGER/UFSB), pedagoga, professora de Educação Infantil, Administradora do Blog Encontros Confabulantes e Promotora de Leitura.

Jaqueline da Luz Ferreira: Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Foi pesquisadora convidada da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fundação Oswaldo Cruz em projetos de pesquisa sobre saúde em territórios da reforma agrária. Dedicar-se à abordagem sociológica de temas como políticas públicas, movimentos sociais, redes associativas, desenvolvimento sustentável, agricultura familiar, educação do campo e extensão rural.

Artigo recebido para publicação em: Outubro de 2018.

Artigo aprovado para publicação em: Maio de 2019.